

2982-51 (2)



M. António - José SARAIVA

2, Allée de Chalon 2982-51

- 2 Dec. 51

91, VIRY-CHATILLON

FRANÇA



PAR AVION

*João de Deus*  
R. Fátima de Almeida, 34-50F  
LISBOA



Lisboa, 23.3.70

52

Meu caro Dr. Soares,



Quase terá valido a pena aquela abasas que no TM veio a seu respeito (e a que adizite voltarei), se isso foi suficiente para "descoroar" a intenção que ji tinha de me escrever. Com efeito, coloque na sua carta alguns problemas importantes que me parece útil serem discutidos e, se possível, esclarecidos. O valor e o rigor das palavras e dos conceitos, a função "ins. reformista" de uma revista de intelectuais, ciência e ideologia, o "diz'logo", etc. etc. tudo isto neste país e neste momento — eis algumas dessas questões de fundo.

Devo dizer-lhe que a respeito de todas estas coisas se discutiu acerbamente dentro da equipa TM muito antes de vir a aparecer o 1º número (a vez seria), e a discussão continue com redobrado vigor agora que ji vê alguns números publicados. De facto parece-me útil desde ji referir que a revista se situa (e se situa) em termos de, e como parte de, um "projecto". Em poucas palavras este projecto consiste na elaboração — no sentido de algo "a construir" e a pôr permanentemente em questão — de uma "proposta" de análise teórica da sociedade portuguesa que, aspirando ao rigor científico que aquele qualificativo lhe impõe (utilizo os termos "teóricos", com adiante "ideológicos", no

sentido althusseriano), tem plena consciência de que o aliamento  
de interferências ideológicas e tarefa dura que só uma disci-  
plina intelectual, de que talvez ainda os setores capazes, pode-  
rão conseguir.

Nem por isso, contudo, e porque o debate ideológico é neces-  
sário e tem a sua função, recusamos esse debate e, pelo  
contrário, damos-lhe um lugar na revista (no sentido amplo,  
isto é, que inclui os seus "órgãos de proleção" - equipes de  
trabalho, conselhos de redatores, etc.).

Ora não só porque a chamada "oposição" a isso tem fugido  
sistemáticamente, mas pela sua própria natureza, um projecto  
que tende a apreender com o possível rigor o "real social" por-  
tuguês não pode deixar de ser "não reformista", ou, se quiser, revo-  
lucionário. E por assim ser, parece-me colocar mal a ques-  
tão ao perguntar "em que base ou chamado social pretende apoiar-  
-se o TM para uma solução não-reformista?": nós não vamos,  
não pretendemos fazer a revolução. Propomos-vos apenas o que  
de mais revolucionário podem fazer intelectuais: por a nós,  
pelos outros teóricos de que julgamos dispor, a realidade  
de necessidades de dominação no nosso país ou, pelo menos,  
fornecer instrumentos de análise para que os leitores o  
fagocitem por si mesmos.



A empresa é difícil, e os primeiros números desagrada-  
-vos por, de um modo "geral", pouco ter que ver com o tal projecto.

Com efeito, estamos conscientes de que a natureza desse projeto exige que as próprias estruturas internas do grupo se façam com ele computadores. É indispensável um permanente debate interno, que os textos básicos passem ao crivo de uma discussão teórica cívica. O que não tem que ver com qualquer forma de autocensura ou com fazer do TM um órgão de "capelinha". Pelo contrário, essa discussão nos tem por objetivo recusar textos, mas contribuir para um "enriquecimento" do que nela participa, eventualmente do próprio texto, e ainda "situar" politicamente os redatores uns em relação aos outros - por oposição ao método habitual nos nossos "opúsculos" e seus órgãos de imprensa, onde justamente se procura a ambiguidade geral e a confusão em nome da "unidade". É, portanto, uma outra concepção de "diálogo", como vê.



Estamos ainda longe de tudo isto, mas julgo que os próximos números do TM já começarão a reflectir um pouco o resultado das recentes discussões hevidas em torno dos primeiros.

Quanto à utilização dos palavras "que significam tudo e o contrário de tudo", como "esquerda", "socialismo", etc. tem o Dr. Sarain alguma razão, mas não vejo o interesse (mesmo que fosse possível) de inventar palavras novas... Ainda, por exemplo, no que respeita à "esquerda", não me parece que a crítica a fazer-lhe seja a de, desde logo, superior um hemisfério parlamentar. O problema está, tal como com "socialismo", num

questão de conteúdo. E esse só pode ser-lhes dado ao praticar o projecto. O facto de se utilizar essas palavras na "declaração de intenção" publicada, só pode significar, na realidade, que à partida nos situamos, e assumimos isso, um clima geral de indefinição e de ambiguidade de que, de qualquer modo, nos poderíamos fugir só pelo facto de ignorar certas palavras. O "projecto" consiste exactamente em fazer a clarificação necessária, em passar da confusão ao rigor, isto, insisto sempre, em Portugal e agora.

Resta referir o "ataque" de que se sentiu vítima pela menção que foi feita do seu nome num artigo de revista. Eu poderia, muito cômoda e simplesmente, dizer que o artigo estava assinado e, portanto, só o autor é responsável por isso. Mas dizer, contudo, que esse tipo de "insinuação" é, de facto, contrário ao tal "rigor" (mas só nos textos teóricos, mas igualmente nos ideológicos, onde a exigência de rigor científico será de substituir pela de disciplina metodológica e intelectual) que pretendemos. Mas se atreva de atacar ou criticar personas mas princípios, e nesse aspecto, estou-se ou não de acordo, pode notar que as críticas feitas aos princípios representados por um Vitorino de Magalhães Fernandes, por um José Augusto Leabra, etc. já se aproximam deste "modelo". Em resumo, "deslices" como a tal insinuação reflectem o modo usual relativamente descontrolado por que foram elaborados os primeiros números da revista.



... que não podes dizer que, dada a nossa projecto se inserir numa "recherche" marxista neo-dogmática, nos seji possível voltar alguma vez a surgir o seu nome nas páginas da revista, pois creio nos ser esse exactamente de momento a sua linha de pensamento. Mas se isso acontecer, de certo merecerá mais do que uma simples referência "maliciosa" ou, se preferir, "inquisitorial".

Posteriormente, em qualquer caso, que continuasses a acompanhar o percurso do TM, e teres o maior prazer em manter comigo correspondência a esse respeito, (e de outras coisas, também), se julgar útil fazer as suas críticas. Geralmente dizer que, caso seji interessado na respectiva publicação, a revista está à sua disposição.

Um grande abraço do amigo certo



*João Pereira*

P.S. - Agora que já sei a sua morada, nos deixarei de procurar na próxima vez que for ao passe.

*Jm*

João Manuel Midosi Babuto Pereira da Silva Martins Pereira